

## OSMAN CONTEMPLADOR



## SOB UM CÉU DE ESTRELAS E PÁSSAROS SAGRADOS, EMERGIMOS DO MAR PARA INDAGAR

*UNDER A SKY OF STARS AND SACRED BIRDS,  
WE EMERGE FROM THE SEA TO INQUIRE*

**Elizabeth Hazin<sup>150</sup>**

**RESUMO:** Considerando inquirições a respeito da etimologia da palavra *contemplação*, este texto pretende compor uma das inúmeras facetas do escritor Osman Lins, a partir da percepção de seu perfil filosófico, de sua capacidade de espantar-se diante do universo, o que se torna possível através da pesquisa minuciosa de suas leituras e de como se refletem em seu texto sempre instigante e questionador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Osman Lins; Literatura e Filosofia; Literatura e Biografia.

**ABSTRACT:** *Considering inquiries about the etymology of the word contemplation, this text intends to compose one of the many facets of the writer Osman Lins, from the perception of his philosophical profile, of his ability to be astonished before the universe, which becomes possible through the thorough research of his readings and how they are reflected in his always thought-provoking and questioning text.*

**KEYWORDS:** *Osman Lins; Literature and Philosophy; Literature and Biography.*

Leio no belo texto de Ivonne Bordelois sobre a etimologia que, para Merleau-Ponty, a linguagem, mais que um objeto, era um ser. Sim, nos diz ela, a linguagem é uma entidade que transcende os indivíduos e é justamente a junção da consciência de estarmos todos inseridos numa entidade que nos transcende com a contemplação da linguagem a partir dessa perspectiva que produzem em nós uma grande transformação, só possível, no entanto, quando levamos em conta o mistério oculto em cada uma das palavras. (BORDELOIS, 2007, p.16). Para essa autora, de modo algum trata-se de um retrocesso: a etimologia é, isso sim, uma recuperação, espécie de reinterpretação dos significados das

---

<sup>150</sup> Pesquisadora Colaboradora Plena junto ao Programa de Pós-Graduação de Literatura da UnB. Coordenadora do grupo de pesquisa **Estudos Osmanianos: arquivo, obra, campo literário** (UnB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: ehazin555@gmail.com.

palavras (BORDELOIS, 2007, p.18). Confesso que, depois de muito pesquisar, dou-me conta do quanto é difícil estabelecer tranquilamente tudo o que se encontra submerso numa palavra: trata-se de verdadeiro trabalho arqueológico. Muitos foram os dicionários e livros consultados e espero que este que aqui apresento seja um resgate que se aproxime minimamente do percurso do termo CONTEMPLAÇÃO. Na Antiguidade grega, havia uma palavra – *theoría* - composta de duas noções, ambas indicando a ação de ver: é provável que uma se referisse simplesmente a “ver, olhar”, afinal o significado originário é esse - VER -, enquanto o outro guardasse o sentido de “prestar atenção a”, “vigiar”, “cuidar”, “observar”. Quem sabe, a tão conhecida expressão “Mire e veja”, de Riobaldo, não correspondesse – de algum modo – aos significados amalgamados por essa palavra grega? Há uma passagem na linha temática O, de *Avalovara*, que a meu ver metaforiza os significados da antiga palavra *theoría*. Trata-se de trecho em que a Inominada, ainda adolescente, dialoga mentalmente com um Inácio Gabriel já morto, a propósito da forma retangular que para ela era aquela assumida pelas passagens através das quais exercitamos nossas investigações do mundo: janelas, portas, quadros, páginas. De seu retângulo escuro<sup>151</sup>, lhe diz ele: - “Em muitos quadros (expressões, com o seu formato retangular, de tentativas de acesso ao mundo) desenha-se outra janela, outro retângulo”. Ela - dentre os vivos, prossegue: - “Neles, o contemplador vê duas vezes, ou melhor, vê três vezes – o que está no retângulo do quadro, o que se descortina além da janela aí representada e, ainda, através de tudo isso, a infinitude das coisas” (LINS, 1973, p. 238). Assim, contemplar um objeto nos levaria inelutavelmente a “teorizar” sobre ele. Ainda que o sentido atual de *teoria* não corresponda exatamente ao de *contemplação* (hoje, segundo Ferrater Mora, *teoria* designaria uma construção intelectual resultante do trabalho filosófico ou científico), o significado primário de *teoria* é contemplação. Em comum, ambos carregam a ideia de VISÃO. *Teoria* podia ser definida, pois, àquela época, como uma visão inteligível, espécie de contemplação racional. Da mesma raiz de *theoría* é que se origina também – segundo alguns autores - o nome **Deus**, que em grego se diz *Teos*, ou "Aquele que vê".

---

<sup>151</sup> Perceber que a palavra retângulo aqui, aludindo ao túmulo, quer também significar ser a morte um desses espaços de investigação do mundo.

Não poderia deixar de acrescentar, ainda, que a palavra *teatro* também vem da mesma raiz. Cito as palavras do resumo de artigo de Natasha Palmeira, intitulado “Teatro como lente de aumento”:

A etimologia da palavra ‘teatro’ nos diz muito do modo grego de ser e enxergar o mundo: θέατρον (thêatron) designava um local público de reunião destinado à contemplação, no sentido de uma observação atenta (θεωρία; theoría). No teatro, por conseguinte, o espectador (θεωρός; theorôs<sup>152</sup>) era levado a exercer e a exercitar um ver distanciado<sup>153</sup> (θεάομαι; theáomai), ligado ao espanto<sup>154</sup> (θαυμάζειν; thaumázein), que segundo Platão e Aristóteles estaria na origem do pensamento filosófico. Assim, como se olhasse através de uma lente de aumento, o espectador no teatro tornava-se de certo modo filósofo, chegava a discernir e apreender aspectos do real que, por força do hábito, escapavam ou passavam despercebidos ao olhar cotidiano (PALMEIRA, 2014).

Essa citação traz em seu bojo a ideia que talvez devesse ser aqui, nesse texto, a mais forte, aquela a dar forma mesmo a todo o meu pensamento sobre Osman Contemplador: a visão filosófica do mundo, expressa, aliás, desde o título, “emergimos do mar para indagar” (LINS, 1973, p. 28), expressando o espanto e a perplexidade humana diante do universo. Isso inclui as leituras de filosofia feitas por Lins e o modo como as aproveitou na fatura do texto literário. Não saberia dizer quando teria começado

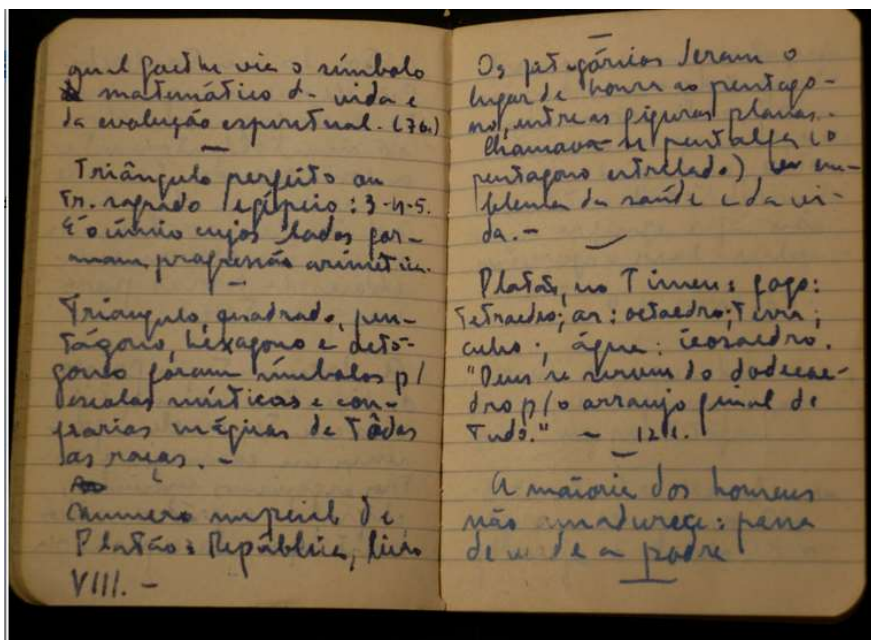
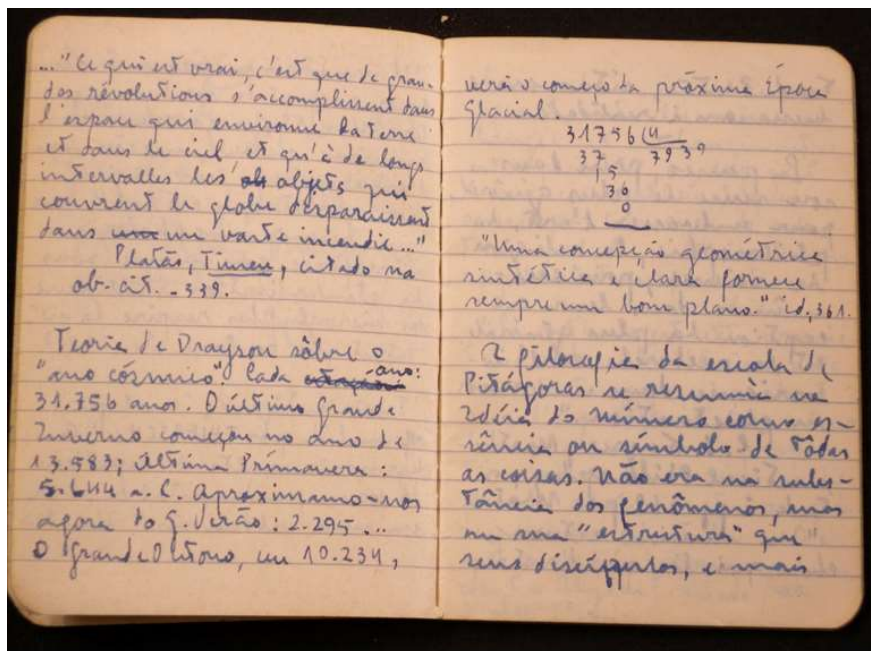
---

<sup>152</sup> Há em português o termo TEORO dicionarizado: Enviado dos Estados gregos, para assistir aos grandes jogos, consultar oráculos. Espectador. O que viaja para ver o mundo. Enviado, legado, embaixador. Magistrado.

<sup>153</sup> Essa passagem talvez aluda ao que escreve Adorno em *Minima moralia* (“A contemplação impõe ao observador que não se incorpore ao objeto. Proximidade à distância”), como leio em [https://www.fundacao-betania.org/betania/cadernos/pdf/Caderno32\\_Uma\\_urgencia\\_antropologica\\_Luciano\\_Manicardi.pdf](https://www.fundacao-betania.org/betania/cadernos/pdf/Caderno32_Uma_urgencia_antropologica_Luciano_Manicardi.pdf)

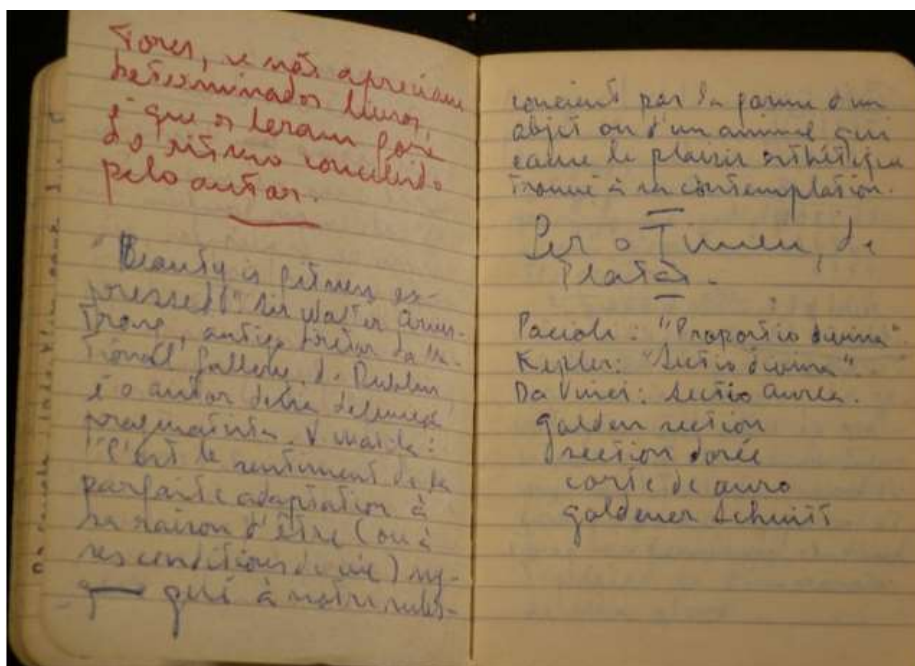
<sup>154</sup> Lins tinha bem internalizada essa noção. Lê-se em *Avalovara*: “Receio perturbar, aproximando-me, a feliz junção de cores, linhas e volumes. Sobressai, no centro da paisagem ensolarada, a figura solitária de Anneliese Roos, como, nos museus, certas obras de apreço, colocadas longe das demais, de modo a serem contempladas em sua integridade, sem dividir com outra, com nenhuma, o espanto do observador” (LINS, 1973, p. 43).

a se interessar pela filosofia, mas há anotações em suas cadernetas<sup>155</sup> a respeito de livros a serem lidos, por volta dos anos 1960.



<sup>155</sup> Depositada no Arquivo Osman Lins, Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Não sei com certeza a que altura teria lido Matila Ghyka, que o levou a interessar-se por Pitágoras e Platão, mas sei que terá sido durante o processo de escrita de *Nove, novena*, pois aí já o vemos citado como epígrafe do seu livro de narrativas (na imagem acima, pode-se ver a tal epígrafe, escrita de punho por ele, em uma das tais cadernetas). Matila escreve a certa altura que “Platão é provavelmente o pensador que mais teria meditado sobre a proporção e a harmonia” (GHYKA, 1978, p. 31)<sup>156</sup>. Provavelmente tal leitura o conduziu ao *Timeu*. Surpreendemos em uma das páginas de suas cadernetas a intenção:



Os livros de Mircea Eliade também o ajudaram nesse caminho até o *Timeu* de Platão. Em *O sagrado e o profano*, Eliade escreve que a criação do mundo se torna o arquétipo de todo gesto criador humano<sup>157</sup>. Foi justamente a leitura de livros como esses que deram a Lins as vigas-mestras de sua construção literária: noções de ritmo, proporção e

<sup>156</sup> Tradução livre da autora.

<sup>157</sup> Cf. ELIADE, 2008, p. 44.

harmonia; a utilização da geometria; a ideia da cosmogonia que, a partir de *Nove, novena*, juntas, estruturam o seu texto. Só para citar um exemplo, foi imbuído da ideia expressa por Eliade, de que toda criação do homem replica a cosmogonia, que Lins escreveu *Avalovara*<sup>158</sup>. Vejamos o que teria ele dito em carta a Hermilo Borba Filho:

Hermilo, minha flor, recebi hoje sua carta e lhe conto um segredo: estava com um medo danado de que você não aceitasse meu *Avalovara*. Por que, sinceramente, não sei. Mas o que você disse, apesar dos exageros, não somente me alegrou como me aliviou. Eu receava talvez que você, temperamento mais instintivo, se chateasse com as minúcias de construção do meu trabalho. Que visse nisso um virtuosismo (é, em parte) e não um esforço no sentido de representar, mediante essa construção, a ordem cósmica. Algo de religioso, afinal, embora eu não seja, formalmente, um homem religioso<sup>159</sup>.

Mas voltemos à etimologia, deixada lá em cima, para que seja enfim concluído o tal resgate a que me referi. Foram os latinos que afinal estabeleceram conexão entre o significado da palavra grega *theoría* e a latina *contemplatio*, concedendo à segunda um novo sentido: o religioso. Etimologicamente, *contemplatio* vem da raiz latina *templ-*<sup>160</sup>, de onde *templum*, que – segundo Houaiss – corresponde a: “espaço quadrado e descoberto, traçado pelo bastão do áugure no céu e sobre o solo, no interior do qual ele

---

<sup>158</sup> O fruto de tais leituras empreendidas por Lins estão sendo por mim aprofundadas em meu livro *Figuras Conceituais*: reflexão sobre estratégias ficcionais na obra de Osman Lins, atualmente em elaboração.

<sup>159</sup> Carta a Hermilo Borba Filho, de 23 de janeiro de 1973. Manuscrito depositado no Arquivo Osman Lins da Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>160</sup> Do grego *temnein* (cortar, delimitar, dividir). Cf. *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant. Dessa mesma raiz grega origina-se a palavra latina *tempus* (=tempo). Ambas as palavras, TEMPLO e TEMPO, “não significavam senão corte, cruzamento: dois caibros ou vigas que se cruzam constituem, posteriormente na linguagem da carpintaria, um *templum*; no progresso natural, daí se desenvolveu o significado de espaço dividido dessa forma; quanto a *tempus*, uma seção do céu (por exemplo, leste) passou a ser uma hora do dia (por exemplo, manhã) e, depois, passou a ser genericamente tempo” (USENER, Apud CASSIRER, 2004, 191).



examina e interpreta os presságios; lugar consagrado e reservado aos deuses, templo”. **Contemplar** seria, portanto, “estar junto com alguém” nesse espaço sagrado. Mirando e vendo.

Contemplar é olhar devagar, demorar o olhar no objeto, um olhar aberto ao possível, livre de motivos ou de objetivo definido: um olhar de encantamento. Contemplar é – observando-o – ver o objeto como nunca antes, como se visto por olhos de vidro, “contempladores abstratos do eterno”. (LINS, 1966, p. 26)

Há uma diferença fundamental entre esse Osman sobre o qual ora escrevo e os demais apresentados no painel do V ELO. Todos os demais resultam ou de deliberação ou de circunstância (por mais que – se pensarmos em Ortega y Gasset – saibamos que tudo o que alguém pensa fazer deliberadamente, o faz na realidade por conta de sua circunstância, de tudo “o que está ao seu redor”). Assim, ninguém escolhe nascer no Brasil e em Vitória de Santo Antão. Mas pode escolher ser poeta, viajar, ensinar, estudar, ser crítico, escrever para teatro, ser teórico, trabalhar com as mãos, ser pai. Poderíamos ainda dizer que há dois Osmans que se aproximam mais do Contemplador: o apreciador de cinema e o apreciador de arte<sup>161</sup>. Mas mesmo assim, sugere algo mais pontual, focado em um objeto específico. Estariam mais para espectador (palavra que agora sabemos pertencer à mesma família da palavra contemplação). Desse modo posso dizer que esse Osman Contemplador é uma postura, um jeito de ser, um modo de ver o mundo que funciona, em última instância como a forja de todas as suas escolhas e, sendo assim, está na raiz de todos os outros, confunde-se com todos eles.

Fico imaginando a infância do menino Osman, tendo perdido sua mãe aos dezesseis dias de nascido, crescendo só, entre adultos, interessado nas coisas do mundo, a observar a vida ao seu redor. A solidão deve ter sido propícia ao preparo de pontes, como um dia ele diria. E tão forte deve ter sido essa existência contemplativa à época de Vitória de Santo Antão, que na entrevista que lhe foi feita em 1954, por ocasião do Prêmio Fábio Prado (pelo romance *O visitante*), antes até mesmo de sua estreia como escritor, ao responder sobre que novo trabalho teria em mente, confessou:

---

<sup>161</sup> Nem todas as apresentações do painel encontram-se aqui publicadas.



Têm me surgido alguns temas. Todos em embrião. Não tenho nenhuma ideia estruturada. Mas é possível que eu tente uma espécie de biografia da rua onde passei a minha infância. Da galeria de tipos que habitavam aquelas casas hoje demolidas. De vez em quando eles me surgem, sós e em grupos, com uma nitidez enorme. Aliás, tenho sofrido, de certo tempo para cá, uma espécie de volta não só às paisagens da minha infância e adolescência, como a certos fatos a elas vinculados. É uma sedução muito forte cujos motivos desconheço (LINS, 1979, p. 128).

Sim, alguém como ele, que se pegue a minúcias, a detalhes (basta que olhemos o trançado de seus textos), deve ter contemplado a vida e as coisas com avidez. Em outra de suas entrevistas, concedida a Esdras do Nascimento, a propósito de *A rainha dos cárceres da Grécia*, diria as palavras abaixo, corroborando as minhas:

Irrita-me os que assumem uma atitude autossuficiente diante do mundo, os que acham que o mundo para eles não tem segredos, não esconde nada; e, do mesmo modo, os que se põem diante da obra literária como se a devassassem de uma vez por todas e em todos os meandros. Mas o mundo é insondável e a obra é insondável. Mundo e obra só nos oferecem algumas de suas faces inumeráveis. (LINS, 1979, 251).

Essa mesma atitude diante do mundo e da obra literária, ele teria tanto na qualidade de leitor quanto na de escritor:

Em *A rainha dos cárceres da Grécia*, o professor secundário que vai lendo e interpretando o romance inédito deixado pela sua amante, não se cansa de repetir que a sua visão dessa obra constitui apenas uma possibilidade. Ele não aspira a aparecer como aquele que tem a chave da obra. Como o seu decifrador. Insiste, pelo contrário, em confessar as suas dúvidas. Ele não está certo do que lê. A obra, para ele, é mistério. Ele se coloca, diante da obra, como alguém que se coloca diante do mundo: numa **atitude de perplexidade**. Há um esforço de compreensão e, ao mesmo tempo, uma grande perplexidade. Depreende-se que, quando, em *Avalovara*, me ocupo do romance, da organização do romance, ocupo-me do mundo, da transição do caos ao cosmos; e que **quando me ocupo**

em *A rainha dos cárceres da Grécia, da leitura do romance, da contemplação do romance, ocupo-me também da nossa condição de habitantes do mundo, de contempladores do universo*<sup>162</sup> (LINS, 1979, p. 250).

Se o termo **perplexidade** define de modo exemplar sua atitude diante do mundo, o termo **atitude** – por sua vez - remete ao instante de transição entre pensamento e ação, aquele instante necessário para que tudo aconteça, para que seja assumida uma nova postura diante do mundo. Digo isso para que não se veja o ato de contemplar como algo destituído de força criadora, distante da ação<sup>163</sup>. Para Lins, o escritor não era um sonhador, como muitos acreditavam que fosse, mas um homem desperto em sua contemplação, vigilante, atento às coisas (Cf. LINS, 1979, 136). Falando a propósito do tempo que levava a escrever um livro, atesta a impossibilidade de precisar com exatidão: “Porque escrever significa apenas uma fase do trabalho. Há todo o tempo de gestação, a meditação que precede à decisão de inicia-lo. Além disso, foi necessário viver” (Cf. LINS, 1979, p. 133), mostrando o quanto é importante o estado de contemplação, de atenção a tudo, para a construção literária.

Tão forte é o exercício do contemplar em Lins, que literalmente a palavra transborda em seu texto. Abel contempla na praia do Cassino o eclipse do sol; contempla de longe a beleza de Roos e das cidades traçadas na pele de seu corpo; contempla o mar batendo nas pedras da praia dos Milagres; contempla em silêncio o cais em T, na tentativa de apreender o sentido que tal composição – semelhante a um texto – contém; contempla a Cidade radiosa e insulada, sobre o canavial; contempla os navios que atracam lentos, em Amsterdam, com gaivotas em torno da mastreação; em Pisa, contempla as construções mais ou menos inclinadas; contempla simultaneamente a memória dos dois, dele e dela, no corpo de Cecília; contempla sobre o tapete de ramagens o corpo da Inominada, visão

---

<sup>162</sup> Grifos meus. No fragmento P 6 de *Avalovara*, lê-se que Julius Heckethorn, com o seu relógio poderá ser incluído entre os intérpretes ou contempladores do universo (LINS, 1973, p. 325).

<sup>163</sup> Leio em texto de Inácio de Araújo Almeida: “Na filosofia grega a palavra contemplação era denominada teoria, por oposição a práxis, ou ação. Por isso, os gregos designavam a vida contemplativa como vida teórica, por oposição à vida ativa, ou vida prática”. <http://es.arautos.org/view/viewPrinter/6187-a-contemplacao-no-ensino-de-sao-tomas>.

do Paraíso tão próximo. Se há em *Avalovara* sessenta e nove ocorrências do termo (divididas entre as diversas formas verbais de CONTEMPLAR e os substantivos CONTEMPLAÇÃO e CONTEMPLADOR), é em *A rainha dos cárceres da Grécia* (onde aparece apenas onze vezes) que vemos em seu esplendor o significado profundo da palavra, considerando aquele originário, relacionado à visão. Cito, aqui, trechos de meu trabalho sobre o topônimo Báçira (que corresponde ao último nome do espantalho de Maria de França), em que é ressaltada essa questão. Apresento aí duas hipóteses para o surgimento do nome no mapa de Macgrave citado pelo personagem de *A rainha dos cárceres da Grécia*. Um deles é a cidade iraquiana de Basra.

O nome da cidade Al-Basrah, que em árabe significa “ver demais” ou “ver tudo”, pode ter como origem seu papel como base militar contra o Império Sassânida. A cidade de Basra estende-se no mesmo espaço em que outrora existia a Suméria, berço da escrita do homem e localização do Jardim do Éden. Baçorá é o nome usado em Portugal, ainda que no Brasil a imprensa use a forma inglesa Basra. Quando se quer transcrever em nosso alfabeto a palavra árabe, surgem inúmeras formas: Baçirah, Baçara, Basra, Basrah, Al-Basrah. Em todos os sites buscados, o significado da palavra liga-se à visão: “ver, saber, conhecer”, “insight”, “o que vê demais”, “o que passou a ver”, “aquele que vê com a mente”, “aquele que viu” (HAZIN, 2016, p. 274).

Todavia não é apenas a essa altura do romance que ouvimos falar de visão. Impossível não pensar na importância que vai adquirindo, pouco a pouco, para o Professor que em seu diário se autointitula “contemplador adestrado” e “contemplador inquieto e curioso do romance”:

Se o professor tinha problemas com os olhos, a ponto de chegar a se internar por conta disso, agora ele vê (adquirindo *visão*, aqui, significado de *conhecimento*), vê como nunca, para além de tempo e espaço, garantindo-nos a possibilidade de uma superação dos limites de uma visão rasteira, simples, cotidiana (HAZIN, 2016, p. 290).

Segundo o *Dicionário de símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant, tão compulsado por Lins<sup>164</sup>, como matéria-prima de seus textos a partir de *Avalovara*, a palavra *templum*, primitivamente, significava o espaço de que se observavam os fenômenos naturais e a passagem dos pássaros, e ainda estava associada à observação do movimento dos astros. Em *O livro dos símbolos* lemos que havia um templo egípcio cujo teto era pintado com estrelas e pássaros sagrados. Tratava-se indiscutivelmente de espaço que incitava – mediante a transmissão dos sentimentos de tranquilidade e acolhimento – a compreendermos nosso lugar no mundo. Lembra-me uma das passagens de *Evangelho na Taba* que considero aquela que despertou em mim a percepção do “ser contemplador” que enxergo em Osman Lins. Ao ser questionado por Geraldo Galvão Ferraz sobre se teria algum hobby nos intervalos do trabalho, diria (deixando claro além do mais seu profundo respeito pelo sofrimento alheio):

Não. Não coleciono nada e não tenho tempo para passatempo. Gosto de ler, de ouvir música, de filmes que não sejam imbecis nem pedantes. Há, além disso, três coisas pelas quais eu vou longe: praças, relógios estranhos e fenômenos celestes. Não essas pracinhas ajardinadas que vemos por aí: e sim praças como a de São Marco, em Veneza. Fui em 1971 a Estrasburgo exclusivamente para conhecer o relógio de Jean-Baptiste Schwilgué, existente na catedral. Em 1966, fui ao Rio Grande do Sul assistir ao eclipse total do Sol. Agora, desejaria muito ver a fantástica conjunção do cometa Kohoutek e do eclipse anular do Sol, no dia 24 de dezembro. Infelizmente, a maior visibilidade desse fenômeno único ocorrerá no Chile. E não terei coragem de ir a um país traumatizado pela brutalidade<sup>165</sup>, simplesmente para olhar os astros (LINS, 1979, 170).

Sim, Osman, não foste tão-somente um contemplador, mas – levando ao pé da letra o sentido coletivo incluído no verbo contemplar – ainda criaste uma obra que nos transmite o que resulta de tua contemplação. Seguiste à risca o que escreveste pela mão

---

<sup>164</sup> Vide meu artigo publicado nos Anais do XII Congresso Internacional da Abralic: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0072-1.html>

<sup>165</sup> Refere-se ao golpe militar de 11 de setembro de 1973, que derrubou o regime democrático do Chile e seu presidente, Salvador Allende.

de Abel, em seu ensaio *A Viagem e o Rio*: “Ver e não dizer é como se não visse” (LINS, 1973, p. 35).

Esse era de fato seu projeto de vida: conquistar uma visão singular e intensa do Universo e criar uma obra que, na sua totalidade, salpicada de estrelas e de pássaros sagrados, transmitisse essa visão<sup>166</sup>. E termino aqui, todavia lembrando que não podemos, jamais, nos esquecer de que ele nos contemplou (aqui vai mais um sentido para Osman Contemplador) com alguns dos melhores textos que lemos em nossas vidas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário Analógico da língua portuguesa*. Rio: Lexikon, 2010.

BORDELOIS, Ivonne. *Etimologia das paixões*. Rio: Odisseia Editorial, 2007.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas II – O pensamento mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio: J. Olympio, 1988.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERRATER MORA, José. *Diccionario de Filosofia* (Tomos I e II). Buenos Aires: Editorial Sudamericana Sociedad Anónima, 1975.

GASTON, Sean. *Derrida*. Porto Alegre: Penso, 2012.

GHYKA, Matila. *El numero de oro*. Barcelona: Poseidon, 1978.

HAZIN, Elizabeth. “O Báçira”. HAZIN, E.; BARRETO, F.R.; BONFIM, Maria Aracy (orgs.). *Quem Sou? Sou eu quem eu retrato: páginas mimeografadas à margem de A rainha dos cárceres da Grécia*. Brasília: Siglaviva, 2016, pp. 254-293.

\_\_\_\_\_. A conjunção de fragmentos dispersos em Osman Lins: afinidades morfológicas entre Avalovara e o Dicionário de Símbolos in *Anais do XII Congresso Internacional ABRALIC*, resumo 72-1.

---

<sup>166</sup> Cf. LINS, 1979, 132.

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

\_\_\_\_\_. *Evangelho na taba: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

\_\_\_\_\_. *Nove, Novena*. São Paulo: Martins Ed., 1966.

\_\_\_\_\_. *Guerra sem testemunhas*. São Paulo: Martins Ed., 1969.

\_\_\_\_\_. *A rainha dos cárceres da Grécia*. Rio: Guanabara, 1986.

MANICARDI, Luciano. “Uma urgência antropológica” em [https://www.fundacao-betania.org/betania/cadernos/pdf/Caderno32\\_Uma\\_urgencia\\_antropologica\\_Luciano\\_Manicardi.pdf](https://www.fundacao-betania.org/betania/cadernos/pdf/Caderno32_Uma_urgencia_antropologica_Luciano_Manicardi.pdf)

PALMEIRA, Natasha B. Teatro como lente de aumento. 2014, 978-85-391-0620-2. (hal-01465496) <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01465496/>

RONNBERG, A. (ed.). *O livro dos símbolos*. Colônia: TASCHEN, 2012.